

Notas de Leitura

Regina Horta Duarte. *Noites circenses: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

A partir do século XVI, o teatro foi utilizado pelos jesuítas como instrumento pedagógico, especialmente nas colônias. No século XVIII, foi percebido pelos iluministas como uma das agências privilegiadas para difusão dos ideais de civilização ao povo.

Se a historiografia da educação brasileira muito se refere ao teatro jesuítico, no Brasil, pouco aborda as apresentações teatrais no período posterior da Colônia e do Império. O livro de Regina Horta Duarte nos oferece uma instigante discussão sobre o teatro no século XIX, em Minas Gerais. Minas é ponto de partida de uma análise que estabelece um intenso diálogo com o Rio de Janeiro, sede da corte.

Historiadora de “mão cheia”, Regina percorreu o interior mineiro, no lombos dos burros, acompanhando os atores de teatro e deliciando-se com palhaços nos circos. Apoiada numa intensa pesquisa documental, e demonstrando grande vigor teórico,

construiu uma interpretação do século XIX sensível ao imprevisito e ao inusitado.

Ao organizar sua narrativa em torno do teatro, destacou o surgimento de discursos dirigidos a constituir-lo, também no Brasil, como espaço de difusão de ideais civilizatórios. Realçando as dificuldades encontradas no início do Império à propagação da instrução primária — falta de mestres, baixos salários... — e a urgência da “educação moral e religiosa da mocidade” (p. 126), Regina nos mostra como o teatro foi-se tornando alvo privilegiado dos discursos sobre a formação do povo. Tido como elemento educador, era visto como uma “escola viva de costumes” (p. 167), sendo, portanto, invadido por uma lógica utilitária que pretendia atribuir-lhe um papel educativo, ainda que permanecesse aberto à criatividade e à inventividade.

O papel civilizador do teatro constituía-se, dentre outros, na produção de gestos e hábitos na população brasileira. Educava, ensinando a platéia a manter-se em silêncio durante o espetáculo, a não comer, não brigar, não dialogar com os atores e a permanecer sentada durante toda a sessão. Na contenção da desordem e da indisciplina, de acordo com a autora, a polícia era

chamada a intervir. “Os soldados gritavam a qualquer ruído: ‘quem fizer barulho, mete-se o facão e bota-se na cadeia’” (p. 144).

Regina ressalta, entretanto, o teatro de revista e o teatro amador como manifestações que escapavam ao discurso utilitário endereçado às representações teatrais, desenredando-se da malha de enunciados que as pretendia aprisionar.

O circo, “menina dos olhos” da autora, aparece como a manifestação cultural menos apropriável pelos discursos pedagógicos e moralizadores da época, afigurando-se como o espaço da diversão e do imprevisito, e afastando-se, assim, de qualquer intenção racionalizante valorizadora “de espetáculos verossímeis e representativos de um real” (p. 23).

Ao perseguir atores e saltimbancos em suas viagens constantes, Regina redescobriu o teatro e, em especial, o circo como “elementos descompassados com o movimento de sedentarização dominante nas relações sociais [...], instaurando uma intensa criatividade e explosões de desejos” (p. 23).

A sensibilidade da autora e a riqueza da análise nos remetem a um século XIX de sonhos, cavalinhos, melodramas e dramatizações.

Contrastando com estudos que apontam para a fixidez, a autora nos leva a perceber o caráter dinâmico da cultura oitocentista, ao buscar na interpretação do circo e do teatro uma lógica diferente da racionalizadora, valorizando a ambigüidade e o descomprometimento dessas manifestações.

Belissimamente escrito, o estudo nos lança como desafio abandonar a pretensão da explicação histórica exaustiva e completa, deixando-nos sensibilizar pelo desejo, nem sempre "limitado às amarras da razão" (p. 24).

Diana Gonçalves Vidal
Universidade de São Paulo

Francesco Tonucci. *La ciudad de los niños: un modo nuevo de pensar la ciudad*. Buenos Aires, Losada/UNICEF, 1996. Tradução de Roberto Roschella, do original italiano *La città dei bambini*. 312 p.

Francesco Tonucci já é conhecido dos leitores brasileiros por seu artigo "A pesquisa na escola: notas para debate", publicado na revista *Cadernos de Pesquisa* nº 41, em maio de 1982. Além de psicólogo e pesquisador, é também autor de "cartoons" sobre a criança, a creche e a escola, publicados com a assinatura de FRATO na imprensa italiana.

Neste novo livro, Tonucci descreve e reflete sobre uma experiência educativa realizada na cidade de Fano, através da qual grupos de crianças estudam a cidade, discutem suas experiências e sua inserção no ambiente urbano e formulam propostas de intervenção, que são acolhidas pela prefeitura.

A abordagem de Tonucci, como sempre, caracteriza-se por uma forma bastante original de pensamento e por grande empatia para com as vivências infantís. Seu livro parte da constatação de que, no mundo moderno, há uma inversão entre o espaço tradicionalmente identificado com o perigo, o bosque, (particularmente nos contos para crianças), em confronto com a cidade, sendo hoje a rua o lugar do perigo e o bosque o lugar idealizado da harmonia.

Procurando recuperar a tradição das cidades italianas, com seus espaços de encontro coletivo nas praças e ruas, Tonucci propõe a priorização da criança como usuário preferencial da cidade, pois acredita que sendo ela o segmento por excelência excluído das decisões sobre a organização urbana, ao se contemplar seus interesses, todos os demais se veriam também contemplados: os idosos, os portadores de deficiência, as mulheres com filhos pequenos, etc.

Os projetos descritos pelo autor procuram então interferir na lógica dominante, onde os interesses econômicos e o uso dos automóveis predominam sobre os direitos dos habitantes. Uma das campanhas realizadas intitula-se *A scuola ci andiamo da soli* (para a escola vamos andando sozinhos). Esse projeto envolveu a organização do trânsito, o planejamento das ruas de acesso às escolas e um trabalho com as famílias, enfatizando a importância da autonomia das crianças.

As escolas participam dos projetos, abrindo oportunidades, nas suas atividades, para essas discussões e iniciativas. Além disso um espaço especialmente previsto para coordenar o trabalho, o Laboratório "A cidade das crianças", constitui o lugar de encontro dos vários

protagonistas envolvidos: técnicos, prefeito, as associações, os cidadãos, adultos e crianças. Como órgão consultivo do Laboratório, há um Conselho de Crianças, formado por um menino e uma menina de cada uma das escolas primárias da cidade, geralmente alunos do 4º ou 5º ano escolar.

O livro descreve outras iniciativas das crianças de Fano, como o projeto de educação ambiental ou a instituição de um dia no ano em que os carros são impedidos de circular na cidade e as ruas são ocupadas pela crianças.

As entrevistas incluídas no final do livro recuperam algumas das origens das propostas como a de Fano, como é o caso do projeto "Cidades Educativas", lançado em um Congresso em Barcelona, no ano de 1990. Além disso, um dos entrevistados relata que, em 1994, houve um encontro de prefeitos em Fano, para conhecer a experiência e estudar sua disseminação em outras cidades.

O livro apresenta, também, uma bibliografia selecionada sobre o tema.

Maria Malta Campos
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Fundação Carlos Chagas

Agnès Henriot-Van Zanten,
Jean-Paul Payet, Laurence Roulleau-Berger. *L'école dans la ville. Accords et désaccords autour d'un projet politique*. Paris, L'Harmattan, 1994. 198 p.

Os autores, dois pesquisadores do CNRS — *Centre National de la Recherche Scientifique* e um professor universitário de Lyon, descrevem e analisam os resultados